



O COMERCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

O NOSSO jornal, continua lutando com o mesmo ardor dos primeiros dias, para que seja um facto a reabertura do Jardim Botânico, há tantos anos encerrado. As listas de assinaturas que faltam recolher, são poucas, e logo que tal facto se verifique, serão entregues acompanhadas duma mensagem, á individualidade a quem o caso está afecto.

ENCONTRA-SE quasi restabelecido do desastre que sofreu em Torres Novas, quando disputava o campeonato hípico, o sr. Tenente Antero Fernandes, a quem, por tal motivo, felicitamos.

A CÉRCA do rapto do filho de Lindberg têm-se consumido toneladas de tinta e papel nos quatro cantos do mundo.

Afinal, apenas sabemos que a criança foi assassinada e que vários «cavalheiros de indústria» se têm governado á larga com o assunto. Dos raptos, nada, absolutamente nada.

TEVE lugar no passado dia 4 do corrente, na Esplanada Belém-Jardim, um interessante sarau á americana, promovido pelo Grupo «Os capas negras», tendo o programa sido cumprido á risca e dançando-se animadamente. A assistência, que era grande, trouxe desta festa, as melhores impressões.

DEU-NOS o prazer da sua visita o nosso grande amigo Sr. Francisco Dias Soares da Cunha, que em gôso de férias, se demorará algum tempo entre nós, com o que muito nos regosijamos.

A CABA de ser operada da apendicite, a Sr.ª D. Epovina da Silva, empregada da Gráfica Ajudense. Quantos neste jornal trabalham, lhe desejam um completo restabelecimento.

PELOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Não ha dinheiro

Com a devida vénia transcrevemos do nosso prezado colega «A Voz do Enfermeiro», alguns trechos do seu editorial do último número, e que bem merece a atenção dos nossos leitores. Várias vezes o nosso jornal se tem referido a este grave assunto, sem que a sua voz se tenha feito ouvir. Hoje, são os verdadeiros profissionais, a simpática classe dos enfermeiros, que vem dizer-vos:

«Os hospitais civis de Lisboa — alega-se frequentemente — não têm verba para atender ás necessidades de hospitalização que a população de Lisboa e da provincia apresenta; já porque a lotação racional das enfermarias não permite elevar o seu número de camas; já porque a verba destinada á alimentação e tratamento dos doentes não permite igualmente esse aumento; já porque não há dinheiro para fazer construir um hospital modelar que, vindo pela sua amplitude permitir satisfazer as necessidades de hospitalização, terminasse de vez com o espectáculo confrangedor de diariamente se retirarem dezenas e dezenas de doentes cujo estado requer por vezes um rápido internamento, sem serem admitidos pela consulta de admissão que funciona no Banco do Hospital de S. José, o que, quantas vezes, só conseguem obter decorridos vinte, trinta e mais dias.

Não há dinheiro para isso, como o não há para pagar condignamente ao pessoal de enfermagem e ao pessoal serventuário que nos hospitais civis de Lisboa prestam serviço, que são, afinal, as categorias que ali exercem um labor mais intensivo.

Ao pessoal de enfermagem que mais do que nenhum outro tem uma função evitada de perigos de infecção e de contágio, de depauperamento fisico pela actividade por vezes esgotante que se vê forçado a desenvolver, paga-se-lhe uns miseráveis ordenados que em caso algum chegam para atender ás necessidades individuais quanto mais da familia.

Quantos doentes e outras pessoas que em conversa chegam a ter conhecimento dos parcos honorários do enfermeiro ou da enfermeira, pasmam incrédulos ao sabê los inferiores aos de qualquer outra classe que não desempenha uma função tam árdua, quão nobre e humanitária.

Ao pessoal serventuário pagam-lhe também irrisoriamente, sem recordarem o esforço fisico que dispendem os seus componentes, e o perigo a que igualmente andam sujeitos.

Há, porém, dinheiro para muita coisa. Isso há!

Não o há, simplesmente, para solucionar a crise de hospitalização cada vez mais agravada pela fome que, grassando no país, conduz, fatalmente, em busca do conforto

(Conclui na página 8)

A PESAR de terem sido interrompidos ha muito, contra todas as regras do bom senso, os trabalhos de calcetamento da Calçada da Tapada e Rua Augusto Gomes Ferreira, ainda se encontram naqueles locais montes de entulho que prejudicam o transito. Também se encontra entulho amontoado ha meses no Casalinho, T. das Flandreiras, Rua dos Quarteis, Rua do Mirador, etc.

Pedimos a sua rápida remoção.

TEM passado bastante incomodada de saúde nos últimos dias, a Sr.ª D. Sara Agostinho de Moraes, esposa do nosso querido amigo e colaborador Agostinho António, illustre official da marinha de guerra. A doente desejamos um rápido restabelecimento.

A CABA de completar o curso geral dos liceus, 7.º ano de ciências, a Sr.ª D. Berta Sargedas Guerreiro, inteligente filha do nosso prezado amigo Jacinto Guerreiro, a quem muito felicitamos, bem como a sua gentilissima filha, a quem desejamos que continue a alcançar nos seus futuros estudos as classificações mais honrosas.

EM resultado duma queda, fracturou um braço, o menino Fernando A. M. Ferreira, filho do nosso amigo Artur Ferreira e de D. Palmira Ferreira.

Também devido a uma queda fracturou um braço um dos filhinhos do nosso velho amigo Henrique Peters.

Aos doentinhos, desejamos um rápido restabelecimento.

FALECEU em Nova-York, com a idade de 43 anos, Virgilia d'Andrea, companheira de Armando Borghi.

Tinha um coração magnânimo, dedicando-se com uma abnegação sem limites, á defesa dos humildes.

Tudo que escrevia, era cheio de emoção e de ternura, tendo a sua morte deixado uma lacuna que será difficil preencher.

Santos & Brandão**CONSTRUCTORES****Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio****Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)**

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas**Serviço nocturno às terças-feiras****Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456****ESGOTOS**

Apesar de serem decorridos mais de 40 anos, após a sessão camararia em que foi aprovado, e por unanimidade, a construção dum colector que viria da Junqueira até á Ajuda, pela regueira do Rio Sêco, esse melhoramento, cuja necessidade foi suficientemente descrita neste quinzenário de 19 de Março de 1932, pelo seu antigo Director e em representações feitas pela Junta de Freguesia, que sabemos, em Agosto de 1930 e Abril do 1931, ainda está por concluir.

Aos poucos e poucos tem-se vindo arrastando por aí acima, e agora, isto é, há uns 20 anos, a sua cobertura encontra-se suspensa em frente dos fornos da cal e da Travessa de João Alves.

A sua conclusão até á Sacota impõe-se imediatamente, para bem da saúde das inumeras pessoas que vivem nas habitações que a rodeiam, e porque não está certo que se exijam condições higienicas nas construções que ali se fazem, como agora succedeu numa casa que passou de estabulo a casa de habitação, e que confina com aquele foco de infecção, que não se pensa em remodelar.

Este melhoramento traria, além de outros beneficios, a conveniência de facilitar o transitio entre o Cruzeiro e o Largo da Ajuda, e a supressão da caixa de limpeza existente no terminus do colector e que exige, pelo menos no inverno, a permanencia dum homem para retirar o entulho que lá se acumula. Esse trabalho, que pouco irá além de 200 metros, não é muito dispendioso, porque o leito tem o declive necessário para o escoamento dos dejectos, e é todo em pedra calcárea; basta portanto o seu aplanamento por qualquer canteiro, e infelizmente não faltam desempregados, e fazer a base para receber a cobertura em cimento, para ficar um colector sólido e económico.

A Camara alega que não tem dinheiro para fazer os melhoramentos que lhe exigem; ainda há poucos dias o seu digno Presidente o disse, acenando que a receita não chega para a despôsa. Não podemos duvidar da palavra de S. Ex.^a mas... francamente achamos extraordinário, porque as importâncias que nós pagamos pelas pretensões que necessitamos não se parecem nada com o que pagavamos há vinte anos, mesmo tendo em linha de conta a depreciação da moeda. E por nós fazemos idea do que pagam os outros municipes. Eis uns exemplos: uma licença para reparações por 15 dias, com tolerância doutros 15, o que representava portanto 30 dias custava-nos 5 tostões e 3 vintens; hoje, uma licença identica, mas só com 5 dias de tolerância, o que representa sómente 20 dias, custa-nos 35 escudos.

As licenças para exercer qualquer indústria, isso ainda fazem diferenças mais consideraveis; chegam a cento e tantas vezes mais; o seu cálculo faz-se pelo quantitativo das rendas. Fômos forçados há pouco a dar baixa dum

estabelecimento (e por fatalidade nossa teremos que dar baixa doutros em breve) que nos custava de licença anual, só á Camara, 700 e tantos escudos, quando noutros tempos nos custaria 4 mil réis, se tanto.

Ainda se passou comnôco coisa mais interessante, e que nos faz descreer da falta de dinheiro alegada; ei-la: há 7 menses precisámos levantar 3 metros de pavimento da via pública, para melhorar um cano de esgoto; custou-nos isso 113 escudos e 55 centavos e não nos custou mais 35 escudos de licença porque a tinhamos para outros trabalhos que estavamos realizando, porque senão custar-nos-ia 148 escudos e tal. Pois quereis saber quanto a Camara gastou com aquela reparação? 28 escudos!

Foi quanto pagou a um calceteiro e a um servente, porque o primeiro ganhou 15 escudos e o segundo 13.

Tivemos curiosidade de saber quanto eram os seus salários.

E note-se que não empregaram naquela reparação o dia todo. A's 15 horas terminaram e foram concertar um levantamento que havia próximo que não era de nossa responsabilidade; e também não empregaram material; as pedrinhas que se haviam levantado, lá estavamos todas juntas e guardadas.

Ora se fôsse tudo administrado assim, parece-nos que ainda devia sobrar muito dinheiro.

Dir-nos-hão que a Camara tem feito grandes melhoramentos no que tem gasto muito dinheiro, e é verdade, bem o sabemos, como também não ignoramos que se tem esquecido de coisas insignificantes cá dos bairros excéntricos, e é por isso que lh'as vimos lembrar e pedir que no-las façam, não nos conformando com recusas porque temos a consciência de só pedir coisas úteis e necessárias, a que temos incontestavel direito, e... pouco dispendiosas, que á higiene e o bom nome duma cidade. capital dum país que se ufana de civilisado, não podem tolerar por mais tempo. E disse... por agora.

*Francisco Duarte Resina.***PHARMACIA FIGUEIREDO****42, Calçada da Ajuda, 44**

TELEFONE B. 489

CONSULTAS MÉDICASpelos Ex.^{mos} Srs. Drs.:**BARBIERI CARDOSO** (Clínica geral)

Todos os dias ás 17 horas

FRANCISCO SEIA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Sábados ás 11 horas

MARTINS LEITÃO

(Doenças das crianças)

Todos os dias ás 18 horas

PINTO DA ROCHA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Todos os dias ás 19 horas

SCHIAPPA MONTEIRO

(Clínica geral e partos)

Segundas e sextas-feiras ás 15 horas

Serviço nocturno aos sábados**A Favorita da Ajuda**

DE

ANTONIO DAS**147, Calçada da Auda, 149 - LISBOA**Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade - Louças e vidros**Vinhos recebidos directamente de Arruda****LIBANIO DOS SANTOS****VINHOS E SEUS DERIVADOS****RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS****206, Calçada da Ajuda, 206 - LISBOA**

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ABERTO, SIM!

No número 47 deste jornal, numa carta assinada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal, diz S. Ex.^a que, dos leitores deste quinzenário sómente o Ex.^{mo} Sr. Carlos de Sousa não o compreendeu.

«O Comércio da Ajuda» é, como S. Ex.^a bem sabe, relativamente pequeno no seu formato e, por tal motivo, afigura-se-nos que não poderia aceitar a colaboração de todos os leitores que quizessem discutir o assunto.

Nós assim o compreendemos e não viriamos roubar-lhe espaço preciosissimo se não fôra a necessidade imperiosa de dizer a S. Ex.^a que da nossa parte não concordamos com a doutrina exposta por S. Ex.^a, por entendermos que tudo quanto delineou para resolução do discutido problema são, simplesmente, fantásticas quimeras, interessantes mas não práticas e de possível realisação no ano de 3000 e tal, contados depois da nova reforma do calendário.

O que nos interessa imediatamente é a abertura pura e simples do Jardim Botânico para recreio dos que tiverem vagar de ir lá e, muito prin-

cipalmente, dos que não têm meios para irem mais longe.

O plano de S. Ex.^a é muito grandioso e nós achamos que a Camara Municipal tem muito em que pensar e só o executaria na era supra-citada e isto no caso de alguns vereadores actuaes serem vivos nessa data.

Uma das razões apresentadas por S. Ex.^a contra a abertura do jardim é a de poderem ir para lá os tuberculosos os quais, cuspindo no chão, irão infectar os que tenham saúde, etc.

Ora, se bem nos recorda, quando da realisação da Semana da Tuberculose, lemos vários impressos, colados nas paredes, que diziam assim:

«O micróbio da tuberculose não resiste ao sol. Dai luz e ar ás habitações».

Então se o microbio morre com o sol, como poderá haver contágio desde que o cuspo esteja no chão, exposto aos raios solares?

Acabem-se, pois, com polémicas, abra-se o jardim, e deixemo-nos de sonhos porque de sonhos só vivem os namorados.

António Maria Ribeiro.

Sargento da marinha

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

mas apresentados sem intenção dogmática

Por ALEXANDRE SETTAS

Há criticos que observam minuciosamente um trabalho e apontam as faltas que em seu critério acham justas. São os verdadeiros criticos. Os que sem apreciarem por carência de valor, falta de visibilidade, argúcia ou intelligência se julgam todavia no direito de depreciar tudo, são os maus criticos. Mas nesta fauna de censores existe ainda outra espécie detestavel: a dos parvos da critica — seja ela qual fôr — que, nem sabendo coordenar ideias, nem analizar causas ou efeitos, exaltam ou deprimem com uma criminosa petulância as opiniões ou trabalhos que estão longe de poderem apreciar.

As illusões na vida são como as folhas nas árvores. Umás tombam fenecidas para logo outras nascerem alimentadas pela mesma seiva: a esperança.

É da sabedoria das nações que só quem muito amou bastante sabe odiar. Diz-se e confirma-se isto; porém eu que penso de motu próprio e não me subordino a axiomas mesmo consagrados, afirmo o contrário:

Só quem muito amou é que sabe perdoar, e, como diz Camilo Castelo Branco que o amor resolve todas as demências, é possível que em teoria eu possa ser tido como um demente teórico.

PRECISAM - SE

TRÊS APRENDIZAS
com prática de cascar

Calçada da Ajuda, 117, 1.º andar

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 100

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.º)

Sucesso: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicilios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

A PRIMOROSA DA BOA HORA

SALÃO DE BARBEIRO E CABELEIREIRO

Primoroso serviço por pessoal habillado

Travessa da Boa Hora, 57 — LISBOA

CONSTRUCTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — Ajuda

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

EXCURSÃO A ÉVORA

Poucos dias faltam para a excursão que o nosso jornal promove a esta encantadora cidade. Évora, é a capital do Alentejo e uma das cinco de maior importância do país.

Ao sair da estação, desemboca-se na extensa e larga Avenida Barahona, que a certa altura se expande num vasto terreno denominado Rocio de São Brás, plantado de olivas, acácias e amendoeiras. Era aí que se realizavam os autos-da-fé.

No seguimento da Avenida, temos a Rua da República, antiga Rua do Paço, ficando à esquerda, logo ao principio, a Praça 1.ª de Maio, onde se encontra a Igreja de S. Francisco, bem digna de ser vista, e que encerra a chamada *capela dos ossos*, que é forrada de fémures, tibias e caveiras, e que é mais uma curiosidade macabra do que artística. Logo á entrada, depara-se com a seguinte inscrição:

Nós ossos, que aqui estamos, Pelos vossos esperamos.

Ao fim da Rua da República, temos a Praça do Geraldo, que foi teatro

de vários acontecimentos históricos, como o assassinio da freira Joana Pores, a morte do Duque de Bragança D. Fernando e os motins de 1637. Era aqui que se armava a fogueira dos autos-da-fé, que mais tarde



EVORA
Arco romano de D. Izabel

passou para o Rocio, como atrás fazemos referência.

Numa das ruas que á esquerda parte da praça (a do Raimundo), fica a casa onde celebraram algumas reuniões os conjurados de 1640, e que todos os anos no dia 1.º de Dezembro ilumina a sua fachada.

Adiante da Praça do Geraldo, fica o Largo Joaquim António de Aguiar, onde se encontra o magestoso Teatro Garcia de Resende, que foi edificado em 1881, sob o patrocínio e a expensas do Dr. Eduardo Barahona Frago e que importou em 150 contos de réis e é um dos melhores do país. No rés-do-chão, sala de esperta e boate; no 1.º andar, salão nobre e *boudoirs* precedendo os camarotes. Sala de espectáculos, a branco e oiro, com três ordens de camarotes, galeria e plateia com 300 lugares.

Para se formar bem uma idea dos monumentos eborenses, seriam necessários pelo menos dois dias. No primeiro, para percorrer a cidade propriamente dita; o segundo, para observar as imensas curiosidades de extra-muros. Todavia, um conhecimento um pouco profundo de Évora, exige uma permanência de 4 a 5 dias.

A nossa visita, terá a duração de 10 horas e que bem aproveitadas, nos devem dar margem a contemplar um

REALISOU-SE, enfim, o casamento, com modestia e simplicidade. Sebastião Madeira limitou-se a assistir á cerimónia, e os noivos partiram sózinhos para Sintra, donde voltaram ao fim de três dias para uma casinha que o pintor tornara confortável, mobilando-a com gosto, embora sem luxo.

E a vida daqueles dois entes que o amor unira ia decorrendo plácida e serena. Tendo-se dedicado com rara felicidade aos trabalhos de cenografia, o artista via frequentes vezes o seu nome citado com louvor nas crónicas teatraes, e os proventos alcançados na dupla profissão de cenógrafo e decorador davam-lhe o suficiente para viver com certo desafogo, sem recorrer á parca meza da que Sebastião Madeira estipulara á filha.

Este, visitando a miúdo os noivos, sem descebrir jamais uma simples nuvem a empanar o céu azul daquelas criaturas, cada dia mais apertadas nos laços do enternecido amor que lhes atraira as almas, pode dizer-se que, pouco a pouco, se ia humanizando nas suas relações com o genro.

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retroeiro, Recparia e Gravalaria
Artigos Escolares - Material electrico
GRANDES PECHINHAS - OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

— Se vocês me dessem um rapaz! — dizia elle ás vezes.
— A verdade é que se sentia aborrecido da vida estúpida que levava; só longe do

Segredo fatal

Por ALFREDO GAMEIRO
(CONTINUAÇÃO)

de affectos, agora que a velhice se ia aproximando e as últimas ilusões se haviam desvanecido. Sentia a necessidade de qualquer coisa que lhe acordasse o sentimento, lhe excitasse emoções suaves, o enternecesse, qualquer coisa que, accendendo na sua alma clareza de amorosa luz, contribuisse para lhe amaciar as durezas do coração, evitando assim que elle estorrasse mais dia menos dia.

Por isso continuava a repetir:
— Se vocês me dessem um rapaz!...
Mas a natureza persistia em não lhe fazer a vontade. Três anos tinham já decorrido e nenhum fruto dera ainda aquele amor com tanto esmero e ardor cultivado. Pode até afirmar-se que estava nessa esterilidade o único desgosto do casal, que por certo tinha o maior empenho em ser agradável ao Madeira.

Certo dia, o pintor apresentou á esposa um alvitro, que poderia talvez, em parte, levar á conciliação de todos os desejos: adoptar uma criança alheia.
Era coisa fácil nesse tempo. A Santa Casa da Misericórdia, que recebia e mantinha as crianças depostas na roda pela miséria ou deshumanidade dos pais, também sem grandes formalidades as entregava áquelles que de boa vontade se prestavam a tomá-las a seu cargo.

De accordo sobre o assumpto, julgaram porém conveniente consultar o Sebastião Madeira. Mas este, dominado pela idea que na mente lhe tomava cada dia maior vulto, e já, por assim dizer, constituia uma esperança

consoladora, não encontrou objecção séria a opôr. Ficou, portanto, decidido, e, alguns dias depois, o pintor entrava em casa trazendo pela mão um interessante garotete de cinco anos, louro e rosado, qui, por conta da Misericórdia, fora criado por uma atenta camponeza dos subúrbios de Coimbra.

O rapasinho era ladino e engraçado. Dama beleza pouco vulgar, a candura própria dos que passam os primeiros dias da vida entre gente simples realçava-lhe a sobremaneira á agudeza do espirito. Mas o que desde logo lhe conquistou a simpatia de todos, foi a natural bondade que irradiava do seu pequenino coração e se desentranhava em sorrisos verdadeiramente encantadores. Para os pais adoptivos tinha constantemente meiguices enternecedoras e cativantes; mas o seu predilecto, aquele a quem parecia querer seduzir com a requintada doçura da sua alma ingénua, era Sebastião Madeira, que a principio o recebeu com certa reserva, mas ao fim de alguns dias, inteiramente vencido pelo encanto da criança, lhe não regateavainhos e atagos.

Ao ver tão estreitamente unidos aquelles dois entes, um já longe da mocidade e que as lutas de vida aventureira haviam tornado agreste e rudo; o outro no despontar da existência e dotado de uma candura doce e atrahente; ao vê-los quasi irmanados nos passatemplos pueris em que passavam horas intermináveis, dir-se-ia, e com razão, que mais uma vez os extremos se tocavam e se confundiam.

De tanto e tais caricias o pequenote emulava o seu amiguinho, a quem já dava o titulo de avô, que algumas vezes, ao vê-los assim engolfados em manifestações de ineffável ternura, pelos olhos do pintor passava momentaneamente um relâmpago, que, ao notá-lo, alguém o poderia considerar assomo de despeito ou de mal ouvido ciúme.

Mas a sorte tem caprichos inexplicáveis e compraz-se em encher a vida de surpresas. Sete mezes depois da entrada da criança naquela casa, a filha do Madeira foi inesperadamente atacada de várias indisposições, quali-

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 552, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a titulo de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificaes da verdade, que o seu proprietário agradece

pouco, o que de grandioso existe nesta cidade, que encerra um passado historico dos mais ricos do país. No tempo dos romanos, a sua importância era excepcional, como o atestam as consideráveis ruínas ainda hoje existentes, embora pareça termos de rolegar ao dominio da fábula tudo quanto se tem dito acerca do Sertório.

Era conhecida nessa época pelo nome de *Liberlitas Júlia*. Em 1166, foi conquistada aos mouros pelo famoso chefe Geraldo Sem Pavor. A tradição diz que a tomada se fizera por surpresa. A altas horas da noite, quando sobre a torre do Castelo havia apenas um guarda acompanhado por sua filha, Geraldo escalaria súbitamente os muros, servindo-se de lanças de ferro metidas entre as pedras como dos degraus duma escada. Chegado ao alto, arremessara a moura para o exterior e degolara a sentinela. Não tardou que os seus homens lhe seguissem o exemplo, subindo velozmente aquella escadaria improvisada. Em recompensa de tam alto feito, D. Afonso Henriques, fê-lo alcaide-mor da cidade. De aí em diante, e até ao reinado de D S bastião, muitos soberanos portugueses estabeleceram ali a sua corte.

São tantas as curiosidades que Évora encerra, que seria necessário

para as descrever, muitas páginas do nosso jornal.

Aguardemos o dia da visita, porque estamos cortos, que todos que nos acompanham, virão de lá encantados não só pelo que de belo encerra a cidade museu, como pelo trato hospitaleiro que é apanágio dos alentejanos.

E agora prezados leitores, aqueles que ainda se não inscreveram, não devem demorar-se em o fazer, visto que a inscrição encerra dentro de poucos dias.

Encerra-se definitivamente, no próximo dia 26, a inscrição para o passeio

Por uma facilidade excepcionalmente concedida pela Empreza João Candido Belo, proprietária dos carros que tomam parte na excursão, podemos ampliar até ao dia 26 do corrente o prazo para a inscrição de excursionistas, mediante o pagamento immediato da quantia de 40 escudos.

As pessoas já inscritas e que não tenham ainda pago qualquer importância da sua passagem, deverão fazê-lo integralmente, e sem falta, até ao referido dia, condição indispensa-

vel para que possamos contar com elas.

Os inscritos que estejam atrazados em quatro ou mais quotas, deverão pôr-se em dia com o pagamento das mesmas também até ao dia 26; em caso contrário serão definitivamente excluidos, sem direito a quaisquer reclamações.

O bilhete de passagem será concedido em face do pagamento da última quota, tornando-se indispensavel, para o embarque, a apresentação do mesmo bilhete.

Conforme no último número disse-mos aos nossos leitores, os lugares nos carros serão numerados e sorteados. Os bilhetes, com o número do carro e do lugar, estarão metidos em envelope fechado, e o excursionista, depois de paga a sua ultima quota, tirará, ao acaso, um dos envelopes.

A originalidade do sorteio está, porém, no facto de todos poderem viajar levando, junto de si, as pessoas da sua preferência.

Os bilhetes de passagem serão entregues aos excursionistas no sábado, 2 de Setembro, na Calçada da Ajuda, 176, até ás 11 horas da noite.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

capital do norte do que em Lisboa, onde vinha apenas nos períodos de férias com o seu pupilo, cujos progressos nas letras eram motivo de enorme júbilo para o Madeira, ao mesmo tempo que excitavam a vaidade profissional dos mestres.

— Não se ralem — acudia o Madeira. Do garoto me encareggi eu. Hei-de fazer dde com que se veja.
— Mas, — redarguia a jovera — o que está para vir é verdadeiramente de nosso filho.
— Embora! Afianço-te que já não tira o lugar que este tem cá dentro.
E batia no peito com a mão musculosa e forte.
Quando, alguns meses após, ao despontar de clara manhã, a comadre parteira depulha nos braços do pintor uma robusta menina que acabava de entrar no mundo, o Sr. Madeira fazia preparativos para ir á Beira matar saudades da terra onde passara a infância. Mas não iria só. Levava consigo aquelle rapazello sem a companhia do qual já não podia passar. De tal sorte elle se lhe apoderara do animo e da vontade.

Esta resolução não agradou, porém, ao genro. Fôra buscar o pequeno, para o considerar como seu, e não recuava na sua intenção pelo facto de lhe nascer agora uma filha. Seriam como dois irmãos, e para ambos, felizmente, chegava o seu genro.
Mas o Madeira recalcitrou com azedume.
— Ora que você há-de ser sempre o meu desmancha prazeres. Se lhe agrada contrariar-me... Com um milhão de diabos!... o rapaz que fique... Mas nunca mais conte comigo.

Houve que fazer-lhe a vontade. Lá seguiram os dois a caminho da provincia, e de tal maneira o pequeno passou a ser propriedade do Madeira, que, quando este, ao fim de algum tempo, voltou a Lisboa, veio só, porque resolvera interná-lo num collegio do Porto, donde, dizia elle, havia de sair um homenzinho, em toda a extensão da palavra. E desde então, fazendo prevalecer a sua vontade, que não subordinava á opinião do genro, o antigo negociante passou a conservar-se mais tempo na

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas

R. das Mercês, 116 a 120 — SUCURSAL: T. Paula Martins e Largo da Paz
AJUDA — LISBOA

(Continúa.)

Em redor da questão colonial

Na grande imprensa tem-se debatido muito, ultimamente, a questão das colónias ameaçadas pela voracidade das grandes potências. E', decerto, um grave problema, e urge envidar todos os nossos esforços para evitar semelhante expoliação.

Nisto estamos de acôrdo. Já o mesmo, porém, não podemos dizer quanto á forma como os jornais se têm referido ao assunto. Acusa-se a Itália e a Alemanha, neste momento os dois países que mais apaixonadamente namoram as nossas possessões, de se prepararem para levar a cabo um acto de «banditismo internacional», collocando-o, conseqüentemente, sob a rubrica de «roubo».

Desta forma, considera-se Portugal como uma nação ameaçada de lhe extorquirem o que *legitimamente* lhe pertence, e é sobre este ponto que se baseiam as nossas discordâncias.

¿Pode uma nação colonial considerar-se proprietária legítima de regiões mais ou menos vastas, mais ou menos ricas e progressivas, quando não as adquiriu senão por conquista, quer dizer, contra a vontade dos povos que as habitavam?

O reconhecimento do direito de conquista é o reconhecimento do direito da força e eu creio que o verdadeiro direito é, não o que se baseia na força, mas o que se apoia na justiça e na razão.

Dir-me-ão os patriotas exaltados que as conquistas se realizaram em épocas remotas, quando o direito das gentes estava na razão directa da táctica guerreira e do número de soldados; objectar-me-ão os amigos da civilização e do progresso que os povos das regiões conquistadas, na sua maioria bárbaros e incultos, só têm ganho com a perda da sua independência, pois foi esta a melhor forma encontrada, de os trazer para o seio da civilização, arrancando-os ás suas superstições, á selvajaria dos seus costumes e fazendo-os conhecer o valor agrícola e mineral das regiões que ocupavam.

Aos primeiros responderei que o ter sido assim, em tempos, não é motivo para que hoje se sancione semelhante processo de adquirir territórios e que portanto muito embora as nações coloniais continuem gozando em paz as vantagens que lhes advêm das suas possessões, não têm direito algum de se considerarem suas legítimas proprietárias.

Ante as objecções dos segundos, em primeiro lugar sorrirei; em seguida, lembrando-me que o sorriso, como argumento, pouco vale, responderei:

— Ninguém ignora, pois bastas vezes se tem afirmado, que Portugal, na ciência como na indústria, se encontra atrazado meio século em relação

a outros países collocados na vanguarda do progresso.

Pois bem! ¿Suportáva-mos nós de bom grado, ainda que a diferença fôsse maior, que alguma dessas potências, sob este pretexto, se apoderasse de Portugal, fazendo d'ele uma colónia sua? Não, decerto. Se folhearmos qualquer compêndio da nossa história, veremos logo nas primeiras páginas exaltar-se a figura heroica de Viriato; o caudilho intrépido de um povo que, embora bárbaro, se não queria sujeitar ao dominio da poderosa e civilizada Roma!

Sintetizando: não verei nunca com bons olhos, visto que tal é *não só o nosso direito como também o nosso dever*, que outrem se aproveite d'esses vastíssimos territórios que tam caros nos têm custado, em dinheiro como em vidas, e com os quais se escreveram algumas das mais heróicas páginas da nossa história, mas se algum dia os naturais dessas regiões se lembrarem que devem ser eles os únicos e verdadeiros donos dos territórios em que nasceram, para eles irão todas as minhas simpatias, e a sua causa será, para mim, uma causa santa.

Isto, apesar do amor que sinto pelo meu país... E quem sabe? Talvez até que por isso mesmo...

Fernando Augusto Simões.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações eléctricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA**Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496**O Problema da Habitação**

Conforme promessa feita, vamos hoje fazer algumas referências ao critério adoptado nalguns países, no que respeita ao problema de habitação.

É este assunto de uma tal transcendência, que os governos dessas nacionalidades resolveram, muito atiladamente, concorrer com a sua cota parte no sentido de lhe ser dada uma solução rápida, conforme as circunstâncias o exigiam, de maneira a animar e a encorajar a iniciativa particular.

Na Checo-Eslováquia constituíram-se várias cooperativas de construção, ás quais os poderes constituídos concederam facilidades tais, que foram até á concessão de créditos que atingiram a importancia calculada dessas construções.

Na Holanda fundaram-se também cooperativas com o mesmo objectivo, as quais dispunham de algum capital próprio; os resultados conseguidos foram tais que, para se ajuizar com segurança desses mesmos resultados, basta dizer que no espaço de vinte e um anos, elas conseguiram construir nada menos de 735.000 casas de habitação, para as quais foram estipuladas rendas absolutamente acessíveis ao proletariado, satisfazendo todas elas ás mais rigorosas exigências higiénicas e obedecendo a uma estética que, satisfaz e dispõe bem o mais exigente observador.

A este empreendimento também não foi estranho o governo central e câmaras municipais, visto que prestaram a essas cooperativas uma eficaz assistência financeira que monta actualmente a milhões de florins.

Na Itália também o assunto tem merecido especiais atenções quer das entidades particulares, quer officiais, do que resultou no período decorrido de 1919 a 1927 desenvolver-se extraordinariamente ali a construção de casas económicas. As entidades particulares organizaram cooperativas e as esferas officiais, indo ao encontro dessas simpáticas e arrojadas iniciativas, concedeu-lhes inúmeras e apreciáveis facilidades, tais como: *isenção de pagamento de contribuições durante 25 anos; auxilio financeiro a essas cooperativas e também a particulares que se dediquem ao mesmo ramo de actividade, a juros muito baixos e com um lato período de amortisação; isenção de direitos de importação*

para todo o material destinado a tal fim, etc., etc.

A Alemanha, depois da assinatura da paz, encarou também de frente este importantissimo problema; e, para o resolver, concedeu também créditos importantissimos a todos os estados federados, os quais por sua vez os distribuiu pelos municipios e estes, subvencionaram construtores devidamente habilitados, com os quais firmaram contratos insofismáveis. Foi assim que naquele país se conseguiu, em poucos anos, realizar uma obra colossal porquanto, em pouco mais de nove anos apareceram construídas um milhão e quinhentas mil casas económicas!

O que a Alemanha conseguiu realizar em tão diminuto espaço de tempo, respeitante a construções de casas económicas, é qualquer coisa formidável que admira, que assombra!

Com tal empreendimento conseguiu-se neste país resolver, em parte, a falta de trabalho, dando pão a milhões de operários e oferecendo habitações confortáveis e higienicas a um elevadissimo número de familias cujos chefes, pela exiguidade dos seus salários, não podem alimentar a esperança de conseguir um dia chamar suas a essas mesmas habitações.

Convém não perder de vista que nestes paizes, onde tão momentoso assunto tem merecido um carinho enorme, as entidades officiais reservam para si unicamente o papel de fiscalizador, da forma como essas verbas são empregadas e dos preceitos seguidos nessas construções.

*Agostinho António.***Dr. A. Martins Leitão Junior**

Interno do Serviço de Pediatria dos Hospitais Cívicos

Doenças das Crianças - - Clinica Geral**Consultas diárias ás 18 horas****FARMACIA FIGUEIREDO****C. da Ajuda, 44****Telef. B. 489****As minhas férias**

Meu caro Director, Vossa Excelência Há de me desculpar a decisão De lhe vir confessar que esta ardência De tão cáldio v'rao, Queimando-me o bestunto, a figadeira, Deixa-me assado, enfim, com tal ardor Que, com franqueza, não vejo maneira De com este calor Escrever qualquer coisa p'ra o jornal. É certo que ninguém se importará Com a falta do meu original Onde brilho não há Mas, contudo, franqueza franquezinha, Eu sempre tive gosto em rabiscar Uns versos para a minha Joaquina Conseguir soletrar. Pôsto isto, fico tão arreliado Por não me acudir á mente uma ideia Que lhe venho dizer, meu bom Rosado: Eu vou p'ra minha aldeia.

* *

Depois, já descansado das fadigas E respirando o ar puro dos vergeis, Hei de lá namorar as raparigas, Beber de mil toneis, Sair de madrugada para a serra, Enveredar também p'los matagais, Visitar as adegas lá da terra E, á sombra dos choupaes Dormir umas sonecas regalado Ao fresquinho da brisa que perpassa E merendar contente num eirado, Sem esquecer a vinhaça. Ao lusco-fusco irei dar um passeio, Pelas cortinhas, vinhas e pomares, Indo acabar na loja do correio Ouvindo os luminareos Que são: o morgadote, o regedor, Um bronco, brasileiro endinheirado, O barbeiro e também o professor Um velhinho alquebrado. Ao domingo irei ouvir a missa Com fato da cidade e devoção, Levando a alma com muita fé castiça De confesso cristão. Hei-de sair também para as cercanias Montado num cavalo pachorrento E fogaças comprar nas romarias Para divertimento. Vivendo assim, fugido da cidade Que tanto nos perturba e vai matando Readquiro, talvez, a inocidade E, em estrofes cantando As belezas bucólicas, divinas, A graça das moçoilas tentadoras, Escreverei sentado nas ravinas Quadras evocadoras.

* *

Mas agora me lembro, o principal Não é fazer tenção de ir espaiar Deixando de escrever cá p'ra o jornal O que me apetece. É bem diferente o caso — o que lamento — Embora confessar não fique bem, Mas com verdade digo-lhe: este intento Assim, sem ter vintém, Não passa duma mera fantasia, De quem muito estimava esse viver E que 'inda há bem pouco não sabia O que iria escrever.

Alexandre Settas.



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517

A VENCEDORA MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOS

DE
Alberto Ribeiro de Carvalho

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licores e seus derivados. Completo sortido em generos de mercearia.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)

Sucursal: Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)

Club de Football "Os Belenenses"

Este valoroso e simpático Club, ao qual nos prende um grande affecto, acaba de nos honrar com a oferta dum exemplar do seu relatório. Trabalho grandioso, que bem revela a boa vontade e muita competência, dos corpos gerentes que vão terminar o seu mandato. Podéssemos nós conseguir deles o seu assentimento para que possueissem mais um ano. Era esse o nosso desejo, e com certeza, também, o de muitos Belenenses. Mas, foi de facto um dispêndio de energias grande, e não se lhes podê exigir mais sacrificios.

Gostariamos de nos referir detalhadamente ao seu relatório. Porém, a falta de espaço, inibe-nos de tal fazer. Consultados os mapas, verificamos que o número de sócios existentes em fins de Junho, era de 1.096 e que as receitas foram na importancia de 244.944,528 e as despesas na de 148.147,504, acusando portanto um saldo de 96.797,524, que atendendo ao momento que passa, constitui um verdadeiro record.

«O Comércio da Ajuda», faz votos, porque todos os sócios do «Belenenses», saibam apreciar condignamente o esforço colossal que esse punhado de boas vontades realizaram.

E pode o glorioso Campeão de Portugal, contar sempre no número dos seus amigos, o nosso quinquenário.

No próximo dia 21 do corrente, effectua-se a Assembleia Geral, que funcionará na séde do Belém-Club, para apresentação e apreciação do Relatório e Contas e eleição dos novos corpos gerentes para a época de 1933-34.

Não ha dinheiro

(Continuado da 1.ª página)

de um leito hospitalar, um número cada vez mais elevado de doentes.

Não o há, também, para pagar primeiro convenientemente e depois, só depois, exigir o cumprimento do dever a quem, como o pessoal de enfermagem ou o pessoal serventuário, exerce as suas funções miseravelmente remuneradas em proporção não só ás duras necessidades da vida, como ás outras categorias de pessoal dentro dos mesmos estabelecimentos hospitalares.

N. R. — Publicaremos no próximo número um artigo focando as condições em que a prestigiosa classe médica, exerce a sua actividade nos hospitais.

A CAÇA

De fonte segura, podemos informar os nossos leitores — devotos de Santo Humberto — de que a abertura da caça já se não effectua no proximo dia 1 de Setembro, conforme foi anunciado, mas sim no dia 15, como nos anos anteriores.

Nós, que perfilhávamos a abertura no dia 1, ficámos bastante surpreendidos por terem sido ouvidos os protestos dos caçadores de «praia», porque são esses, que ainda nessa data se encontram veraneando, que não lhes convém a abertura a 1, mas sim a 15, e se possível fosse, até a 1 de Outubro, conforme alguns alvitram.

Ora isto não está certo. A nosso vêr, a abertura devia fazer-se a 1 de Setembro, porquanto nessa altura a caça indigena está completamente criada, e o fecho a 31 de Dezembro, porque depois desta data já se encontra muita caça na criação e desta forma não nos podiam alcunhar de «gananciosos», como já foi dito, em virtude de se aumentar assim o tempo de defêso em mais 15 dias.

E' este o nosso modo de vêr sobre o assunto, e, estamos certos, o da maioria dos caçadores conscienciosos.

Agradecimento

Maria Filomena Janardo, Augusto Pereira Janardo e mais familia, vêm por êste meio agradecer ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Virgilio Lopes de Paula, o carinho e dedicação com que tratou o seu chorado e querido filho José Pereira Janardo, o que jamais poderão esquecer.

Agradecem também a todas as pessoas que o acompanharam á sua ultima morada.

UMA BOA NOTICIA

Encomendas Postais

A Ex.^{ma} Administração Geral dos Correios e Telegrafos, no louvavel intuito de melhorar os seus serviços e atender ao justo pedido da Junta de Freguesia de Belém, resolveu instalar na Estação Telegrafo Postal daquela freguesia, de 4.^a feira 23 em diante, o serviço de encomendas postais, que até agora, só era feito na Rua da Palma.

Como os habitantes da freguesia da Ajuda também são muito beneficiados com isso, os nossos agradecimentos a todos os que concorreram para tal melhoramento.

Para os pobres protegidos pelo nosso jornal recebemos do sr. Artur Serra, ajudense residente em Africa, a quantia de esc. 10\$00, que juntos a 30\$00, importancia por que foi vendido um bilhete para uma tourada no Campo Pequeno, oferecido pelo sr. F. D. Resina para o mesmo fim, foram distribuidos por: Filha de A. Machado, 10\$00; J. Assunção, 10\$00; J. Machado Reis, 10\$00; Benedita Marques Pinto, 10\$00.

Campeonato de Fox-ball

Pela Sociedade Recreio Ajudense foi organizado um Campeonato de Fox-ball, inter-clubs recreativos, para disputa de uma valiosa e artistica Taça. Os jogos realizam-se no aprevel recinto daquela colectividade todos os domingos, havendo muitas inscrições. A inauguração do campeonato, realiza-se amanhã, 20.

SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

Dias 19 e 20 — **Ele ou eu**, com Harry Piel, e **Ronny, a Princesa Encantadora**

Na matinée do dia 20:

O mesmo programa.

Dia 21 — **Minha mulher não quer filhos, O Cow-boy e o Rei e A Sogra Modelo**

Dia 24 — **Mãos Culpadas e Herois do Ar**

Dias 26 e 27 — **Tarzan, o homem macaco, Rato de Hotel, e outros filmes**

Na Matinée do dia 27:

O mesmo programa.

Dia 28 — **O Congresso que Dança e Raparigas de Uniforme**

Dia 30 — **O Secretario de Madame, A Menina do Capuchinho Vermelho e Exposição da Creança**

Dia 31 — **Grandioso espectáculo, com uma formidavel estrela**

Preços populares: Balcão 1.ª fila, 2\$50; Balcão, 2\$00, 1.ª Plateia 1\$50; 2.ª, 1\$00

Todos os lugares são numerados